

Collor desaparece e irrita empresários

Candidato não vai a Campinas, deixa 300 convidados esperando e frustra partidários

PATRÍCIA ZAIDAN

CAMPINAS — Fernando Collor de Mello (PRN) deixou de comparecer, ontem, a um almoço no Centro Social Aida Selmi, agendado há mais de dez dias, irritando os 300 empresários que o aguardavam para debater o plano de governo do PRN. Indignados com a “falta de consideração”, eles criticaram o candidato a presidente. “Somos representantes de 19 cidades da região de Campinas, responsáveis por 15% do PIB (cerca de US\$ 45 bilhões) e estivemos esperando o sêo Collor que não apareceu”, protestou Flávio Bauer, da empresa de consultoria imobiliária Capucci & Bauer.

Insatisfeitos com as explicações dos assessores do candidato, que não conseguiram vencer sobre o sumiço de Collor, os industriais e executivos financeiros fizeram uma advertência. “Somos a segunda maior força econômica do País e merecíamos maior respeito”, disse Lincoln de Carvalho, da IBM. Assim como ele, ficaram decepcionados os representantes da Singer, Goodyear, Lloyds Bank, Chase Manhattan Bank e Construtora Lix da Cunha, en-

tre outros. Todos atenderam ao convite da Associação dos Executivos das Empresas da Região de Campinas (Acre) e do Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros (Ibef) para participar de mais uma rodada do “Ciclo dos Presidenciais”.

Collor mandou o candidato a vice, senador Itamar Franco, avisar que não compareceria por estar “com problemas de família”, em Maceió. “Fui acordado de madrugada, em minha casa em Brasília. Fernando dizia ao telefone que não poderia estar aqui”, tentou convencer. Momentos antes, o irmão do candidato e coordenador da campanha do PRN, Leopoldo Collor de Mello, desmentia o senador: “Não há problemas de família”, despiu. Fernando só percebeu, de madrugada, que o primeiro compromisso da agenda era às 9 horas e não pôde chegar em tempo”, completou.

Os garçons serviam, no Centro Social Aida Selmi, os exportadores de Campinas, cansados do longo discurso do senador Itamar Franco. “Sei que estão frustrados. Não represento os atributos físicos, a intelectualidade de Fernando Collor, nem falaria como ele sobre dívida externa, interna e outros temas econômicos”, justificou-se ele. Na plateia, alguns empresários cochilavam.

Até o fim do dia, Collor não havia sido localizado. Mas, de onde quer que estivesse, deveria estar com as orelhas quentes. Numa só mesa foi atacado por três industriais: “Se como can-

didato honra dessa maneira os compromissos com os empresários, como honrará os que assumir depois de eleito?”, questionou José Arylton Consentino, da Dow Corning do Brasil. “Ele não se mostra, não se identifica, não comparece aos debates da TV”, acusou Martinho Alencar, da Asgrow do Brasil. “Já que sabia estar impossibilitado de comparecer, o mais decente seria desfazer o compromisso”, esbravejou o representante da IBM. “Collor desbotou”, disse um construtor. “Votarei em Maluf”, comentou Atilio Rocha, ex-prefeito de Nogueira.

A decepção também esteve nas ruas do centro da cidade por onde Itamar passou sem Collor: “De vice já estamos cheios. Basta o Sarney”, falou a balconista Ana Rosa Souza. Mulheres que faziam compras resmungavam a ausência “do candidato bonito”. Itamar perguntava: “E eu, não valho nada?”. Assessores da campanha tentavam entender o mistério do desaparecimento de Collor, nos últimos quatro dias: “Nem nós sabemos. Deve ser mais uma estratégia para afastar os jornalistas do foco onde Collor possa estar”, disse um deles.

Uma passeata fazia o contraponto: alunos do cursinho Universitário comemoravam o aniversário do diretor da escola pré-vestibular, pelas ruas. Perceberam a falta do “caçador de marajás” e aproveitaram para eleger o diretor Jesus Gonzales presidente do Brasil. Ao mesmo tempo gritavam: “Collor demagogo, estudante não é bobo”.



Itamar Franco (D), com o irmão de Collor no encontro com empresários: descontentamento